

# CLIPPING

11 de Novembro de 2018  
O Liberal – Atualidades, 5

## Abandono solapa patrimônio de Belém

### RISCO

Desinteresse do Poder Público leva ao esquecimento pela população

AMY SOUZA/O LIBERAL

**VICTOR FURTADO**  
Da Redação

Praticamente todos os monumentos em metal de Belém estão em risco. Devido ao valor e falta de segurança, podem ser furtados a qualquer momento. Exatamente como ocorreu com a estátua levada da Praça Floriano Peixoto, no complexo de São Brás, na madrugada da última quinta-feira, 8. Era a última de um conjunto de três estátuas, que foram lentamente retiradas de um painel que representava a República. O alerta é feito pela arquiteta Roseane Norat, professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), que reforça algumas medidas imediatas de proteção: iluminação adequada e presença de agentes de segurança pública.

Roseane explicou que as praças são patrimônios que costumam ter monumentos de metal. Só que, dependendo do grau de apropriação da população pelo espaço, os monumentos podem ser mais ou menos visados por pessoas mal intencionadas. Quanto mais pessoas frequentam o local, mais protegido se torna e mais há cobrança por melhorias. É o que ocorre com as praças Batista Campos, Brasil e República, por exemplo, que estão recebendo melhorias e cuidados constantes. As praças

Waldemar Henrique, Dalcídio Jurandir e Floriano Peixoto são pouco frequentadas e passam a ideia de abandono.

“Não podemos negar que no complexo de São Brás tem um problema social que cresce constantemente, no entorno, como pessoas que consomem drogas, o que leva a furtos e roubos”, disse a professora. “Esse roubo já era anunciado. Infelizmente, o poder público não atuou de forma eficaz para prevenir. Sem iluminação adequada e segurança, esses monumentos de ligas metá-

licas, sejam estátuas, bustos ou medalhões, estão em risco iminente de furto”.

Os riscos aos quais o patrimônio de Belém está exposto não se resumem, porém, aos furtos de peças metálicas. O vandalismo também é frequente. As pichações, avalia a professora, são um problema grave e crônico em todo o Brasil. Sem a devida consciência, formação e informação, as marcações com tinta, de expressões de identidade e protesto, passam apenas a ser prejuízo gratuito a obras icôni-

cas que refletem a história e a identidade da cidade.

Muitos trabalhos de educação patrimonial e sensibilização já foram feitos, apontou Roseane. Só que são insuficientes. Precisam ser constantes, de acordo com ela, e começar nas escolas. Ela aponta como necessidade uma aliança entre o poder público, associações culturais e a população para que as pessoas se apropriem dos espaços e assim usufruam deles e passem a valorizá-los. Só que a maioria das praças não tem qualquer atrativo.

O prédio do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), analisou a professora, localizado na Praça Dom Pedro II, é um bom exemplo de patrimônio restaurado e conservado, ainda ocupado e utilizado. Sem divulgação e conscientização, no entanto, poucas pessoas o frequentam, ficando restrito aos pesquisadores. A praça, que fica em frente, é um enorme espaço verde, cheio de monumentos, que deixa de ser ocupado pelas pessoas por medo.

Entre os patrimônios em situação de risco, Roseane cita o

### Professora alerta para a possibilidade de roubo nos monumentos

Cemitério da Soledade. “Continua sem nenhum trabalho de valorização. Todos os túmulos são monumentos. As coisas estão desaparecendo a olhos vistos há anos. Uma perda lenta, mas contínua. Há projetos para o espaço, mas precisam ser executados”, reforçou.

O Memorial da Cabanagem, apontou, está num contexto tão sério de problemas sociais quanto o complexo São Brás. O local foi construído num ponto que eventualmente seria apenas de passagem, um entroncamento, cercado de vias de alta velocidade. Pouco se olha para lá. O acesso de pedestres também se tornou difícil. Lentamente, pessoas em situação de rua se apropriaram dele, em busca de abrigo e isolamento, ou para consumo de drogas. Segundo Rosane, só um esforço público dedicado pode levar a população a se interessar pelo museu, que se encontra abandonado.

“Apesar desse diagnóstico, temos uma cidade muito bonita e cheia de potencial, cheia de locais interessantes que devem ser valorizados”, analisou. “Não podemos abrir mão dessas qualidades da cidade. Nossos patrimônios são espaços de cidadania e temos condição de buscar uma nova história com nossa memória, para que tenhamos sociabilidade e qualidade de vida”.